

**<Feminismos e construções de culturas científicas: a atuação política de Bertha Lutz  
nas décadas de 1920 e 30>**

< Lopes, Maria Margaret>  
<Instituto de Geociências/Pagu –Núcleo de Estudos de Gênero-UNICAMP  
mmlopes@ige.unicamp.br>

**<Resumo:** Os anos de 1920-30 marcaram o período de consolidação das ciências básicas no Brasil. Professores, cientistas, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais, ligados às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro, articularam novas estratégias para o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil e para a construção da identidade de um novo tipo de intelectual no país: o cientista "puro". Para o desempenho dessa política, em busca de maior apoio e respaldo social para suas novas profissões acadêmicas - esse foram os anos em que se iniciaram as tentativas mais sistemáticas voltadas para a criação de faculdades de filosofia, ciências e letras - esses senhores, priorizaram e dedicaram-se eles próprios à política, as suas pesquisas, à educação e à divulgação científica. O perfil de cientista e feminista da bióloga Bertha Lutz - ícone das mais diversas historiografias feministas brasileiras - se consolidaria nesse ambiente cultural, em um dos espaços institucionais, que ainda conservava à época, toda sua importância no cenário carioca e nacional: o Museu Nacional do Rio de Janeiro>

**<2BRS001>**

<Brasil>

<Palavras Chaves: feminismo, política, cultura científica, museus>

<Projeto de investigação associado: “Gênero, Corporalidades” (FAPESP proc. n° 03/13691-0) coordenado por Mariza Corrêa – PAGU/ Unicamp..

<Período de investigação: 2004-2008>

**Texto completo**

**Feminismo no Museu Nacional do Rio de Janeiro**

Este artigo contempla os anos iniciais da carreira científica e da militância feminista e política de Bertha Lutz<sup>1</sup>, em um ambiente cultural de valorização das atividades

---

<sup>1</sup> Insere-se em um estudo mais amplo integrado ao projeto “Gênero, Corporalidades” (FAPESP proc. n° 03/13691-0) coordenado por Mariza Corrêa – PAGU/ Unicamp. Meus agradecimentos às historiadoras pesquisadoras do Pagu Lia Gomes Pinto de Souza e Mariana Sombrio pelo apoio à pesquisa; ao CNPq pela

científicas, educacionais, de divulgação e de progressiva busca por sua maior internacionalização, com forte referência nos Estados Unidos. Considerando a situação institucional de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro, aborda aspectos ainda não discutidos na literatura, que permitem visualizar o quanto suas atividades científicas, feministas, museológicas foram indissociáveis e se inseriram no universo de interesses da comunidade científica que se consolidava na década de 1920 no país.>

Bertha Lutz (1894-1976) obteve seu diploma em “Sciences”, em Paris, na Sorbonne em 1o. de março de 1918. Seus certificados de Estudos Superiores em Botânica, Química Biológica e Embriologia Geral datam de 20 de junho de 1916; 18 de outubro de 1916, e 23 de outubro de 1917. Em Londres e em Paris, no movimento de mulheres europeu que se radicalizava nos anos que antecederam a 1ª Guerra, Bertha Lutz especializou-se em feminismo e sufragismo (Saffioti, 1969). No Brasil, em 1o. de setembro 1918, começou a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), como tradutora de línguas inglesa, francesa e alemã, já colaborando oficiosamente com o pai Adolpho Lutz.. Nesse mesmo ano, tornou pública sua campanha feminista, com o manifesto “Cartas de Mulher”, publicado no Rio de Janeiro, em 28 de dezembro de 1918, na Revista da Semana - um dos muitos periódicos que abrigavam tais discussões, a época. De fevereiro a abril de 1919, por exemplo, contribuía com artigos ao Rio Jornal na seção “Rio Femina”. Já estão presentes nesses primeiros trabalhos, algumas das principais características de seu feminismo, como a importância das redes de solidariedade inclusive, e principalmente, internacionais.

Nesse contexto marcado pela criação dos diversos espaços de sociabilidade científica como a ABC e a ABE - Associação Brasileira de Educação -, que acompanhavam a profissionalização dos diversos campos científicos emergentes nos principais centros urbanos do país, as mulheres também teceram suas redes e construíram os seus próprios espaços de sociabilidade. Na origem da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, que seria fundada por Bertha, em 1919 e substituída em 1922 pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), com atuação marcadamente jurídico-institucional, já estavam os princípios de educação para a emancipação feminina, como subsídios dos discursos pela profissionalização e gozo da cidadania plena, incluindo os direitos políticos. A Liga emitia

---

Bolsa de Produtividade em pesquisa e ao Museu Nacional do Rio de Janeiro pelo acesso à documentação em organização do Fundo “Bertha Lutz”, assim como ao Centro de Memória-UNICAMP e ao MAST-Rio de Janeiro temático FAPESP

proclamações, petições e artigos, tendo como lemas “a educação, o emprego e o sufrágio”. A questão da educação, central no período e pouco contemplada pela historiografia feminista relacionada a Bertha, evidencia-se como um dos pontos fundamentais do seu feminismo, já que essa bandeira se mantém inclusive após a conquista do sufrágio em 1932. Ainda em 1922, como resposta aos apelos da Liga ao Ministério da Educação, e com a participação de Bertha, representando o Museu Nacional, no Congresso de Educação ocorrido nesse ano, foi permitido o ingresso das mulheres, antes vetado, no principal colégio do Rio de Janeiro, o Colégio Dom Pedro II. Bertha que participaria de diversas outras associações com fins educativos, fundaria também em 1929 a União Universitária Feminina, com a amiga - a engenheira Carmem Velasco Portinho, que esteve casada por poucos anos com o médico Gualter Lutz, irmão de Bertha<sup>2</sup>.

Bertha trabalhou oficialmente no Instituto Oswaldo Cruz até 3 de setembro de 1919, assumindo no dia seguinte por concurso o cargo de “Secretário” no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Bertha fora a segunda mulher a prestar concurso para um cargo público no Rio de Janeiro - até então reserva de mercado, exclusiva para mão de obra masculina<sup>3</sup>. Debates calorosos na imprensa local levantaram suspeitas de protecionismo em sua participação no concurso e na versão de Bertha foi o incentivo de sua mãe que a fez permanecer na disputa ao lado de outros dez candidatos homens. Lima Barreto socialista, conhecido literato brasileiro, então cronista da revista *Careta*, implacável detrator do feminismo considerado de elite de Bertha Lutz – a quem se referia como Adalberto Luz – nunca a perdoaria, tratando-a por “uma senhora que ilegalmente exerce uma função pública” acusando seu feminismo de interesseiro e burocrático, de conclamar os direitos das mulheres quando se

---

<sup>2</sup> Gualter Adolpho Lutz, professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 9 anos mais novo que Bertha, seu colaborador incansável em diversos trabalhos de resgate da memória do pai, foi casado por alguns anos com Carmem Portinho, outra conhecida feminista da geração de Bertha Lutz e terceira mulher a se formar em Engenharia civil no Brasil. Sobre Carmem Portinho e sua atuação na arquitetura brasileira ver entre outros trabalhos Maria Ruth Amaral de Sampaio e Maria Lucia Caira Gitahy (1998) e Vera Rita Costa (1996) sobre a primeira geração de engenheiras brasileiras nas primeiras décadas deste século. Esses artigos analisam as táticas e estratégias de que estas mulheres se utilizavam para se manterem nos cursos, se formarem e se empregarem construindo suas redes de solidariedade, disputas e negociações

<sup>3</sup> A primeira, Maria José de Castro Rabello Mendes, aprovada em primeiro lugar no concurso para terceiro oficial da Seção de Comércio do Ministério do Exterior só pudera assumir o cargo após parecer jurídico favorável de Rui Barbosa, um dos mais reconhecidos jurista e diplomata brasileiro (Alves, 1977).

tratava da obtenção de ‘cômodos’ cargos públicos e de desconsiderar seus deveres, quando se tratava da obrigatoriedade do serviço militar<sup>4</sup>.

Como funcionária pública, a princípio secretária, e depois naturalista, Bertha permaneceria vinculada ao Museu Nacional do Rio de Janeiro oficialmente por 45 anos. Condição que lhe permitiu ou pelo menos lhe facilitou por inúmeras vezes sua participação especialmente em Congressos e reuniões feministas internacionais. Como seus pares, que à época assumiram eles próprios não só suas pesquisas, como também ações educativas e de divulgação científica, Bertha não permaneceu em nada à parte dos interesses e mecanismos de funcionamento de setores dessa comunidade científica. Inserida plenamente nessa comunidade que também já incorporava a internacionalização de suas atividades e voltava sua carreira para os Estados Unidos -, Bertha batalharia intensamente nesses anos, para afirmar-se profissionalmente, e em seus propósitos de liderança feminista.

No mesmo ano de 1919, em que na luta pelo voto feminino Leolinda Daltro –uma professora e líder da causa indigenista - tentou se candidatar pelo partido Republicano Feminista à Intendência do Rio de Janeiro, Bertha apresenta a sua primeira publicação nos *Archivos do Museu Nacional*, no volume comemorativo do centenário do Museu, referente à organização dos “índices por títulos e autores” dos artigos publicados pelo periódico (Lutz, 1919). Da década de 1920 são seus “Apontamentos decorrentes do Herbário do Museu Nacional e de observações feitas no litoral”. Seus “Estudos sobre a biologia floral da *Mangifera Indica* L” – tese que foi revista, ampliada e reimpressa nos *Archivos do Museu Nacional* (Lutz, 1926), possivelmente foi apresentada para o concurso que Bertha prestou em 1923, no qual foi classificada em primeiro lugar, para o cargo de Professor da Cadeira de Botânica da Escola Superior de Agricultura e Veterinária.

Em constante colaboração com seu pai, diversos trabalhos de Adolpho Lutz como “Reminiscências dermatológicas” publicadas no 2º Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia de Montevideu, em 1922; “Reminiscências sobre a febre amarela” submetidas à 4ª Conferência Sul-Americana de Higiene, Patologia e Microbiologia em 1929 e as “Reminiscências da febre tifóide” publicadas em 1936, já resultavam da documentação que Bertha reunia e arquivava, e a partir dos anos de 1930 ela

---

<sup>4</sup> Ver as crônicas de Lima Barreto na revista *Careta*, especialmente nos anos de 1919 a 1922. Resende, B. e Valença, R. (orgs.) *Lima Barreto. Toda Crônica*. Rio de Janeiro. Agir. 2004. vol.II 1919-1922.

já assumia para si a continuidade de algumas de suas pesquisas. Em 1941, depois da morte do pai, afirmará que esteve sempre encarregada das coleções zoológicas e botânicas de Adolpho Lutz, do qual era “colaboradora voluntária” especialmente no que conservaria como sua herança – sua autoridade científica.

Nesses mesmos anos em que publicava os primeiros resultados de suas investigações, Bertha ainda no cargo de secretária, viajou aos EUA, encarregada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, ao qual se subordinava o Museu Nacional, para distribuir duplicatas de material etnográfico, bem como para “estudar os meios de intensificar as permutas de material e o estreitamento de relações científicas entre o Museu Nacional e os Museus norte-americanos, a organização de ambos, os processos administrativos e sua aplicação ao nosso país, com especial referência à divulgação dos conhecimentos de História Natural e ao papel didático no ensino dos diferentes ramos da mesma”<sup>5</sup>.

O Ministro, bastante bem informado do que Bertha poderia encontrar nos Estados Unidos, também a incumbira de visitar e estudar, os principais estabelecimentos de ensino “de trabalhos manuais e de economia doméstica, quer os privativos de cada sexo, quer os filiados no regime de co-educação, tão generalizado na pedagogia norte-americana. A própria cidade de Baltimore, para onde vos dirigis, oferecer-vos-á grandes oportunidades à execução da primeira parte dessa incumbência, desde as diversas hierarquias do curso primário até ao Instituto Politécnico. Quanto à instrução teórica e prática de economia doméstica, deparareis em quase toda a União americana, modelos dos mais valiosos, que vão do ensino elementar às Faculdades de ciência doméstica incorporadas nos Institutos Pratt, Drexel, Amour, Lewis e outros. As escolas primárias rurais, mormente as complementares (rural School Consolidated) que, em breve, serão ensaiadas no Brasil, merecem, por igual, vossa atenção e delas vos ocupareis, como dos demais estabelecimentos, no relatório que deveis apresentar a este Ministério”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Arquivo Nacional. Fundo/Coleção FBPF. Cx.11. Pacote5. Of. no. 256 (03/1922). Museu Nacional do Rio de Janeiro. “Bertha Lutz a serviço do Ministério da Agricultura, Ind. e Comércio nos EUA...” [carta: Sérgio de Carvalho a Bertha Lutz. 15/04/1922]; Museu Nacional do R.J./ Seção de Antropologia e etnografia. Of. N° 257 (23/03/1922) ; Carta: Gabinete do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. Simões Lopes a Bertha Lutz (23/março/1922) Museu Nacional Ofícios N° 256 e 257/03/1922 de Bruno Lobo, diretor de 1915 a 1923 e de Roquette Pinto, ainda diretor da seção de Antropologia e Etnografia

<sup>6</sup> Carta do Gabinete do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio (Rio, 23/março/1922), De Simões Lopes para a secretária Bertha Lutz

A cidade de Baltimore, seria também palco da Conferência Pan-americana de Mulheres, realizada em abril, pela Liga de Mulheres Eleitoras, da NAWSA (National American Woman Suffrage Association). Essa Conferência – o início de uma “aproximação continental” de mulheres, sob hegemonia norte-americana – foi considerada um marco da dimensão mundial assumida pelo movimento feminista organizado. Foi nessa ocasião que Bertha Lutz conheceu a líder da NAWSA, Carrie Chapman Catt, a qual se empenharia em auxiliar a fundação da FBPF, no Brasil, no mesmo ano de 1922. Naquele congresso, ainda, Bertha reúne outras delegadas latino-americanas para formar o núcleo da futura União Interamericana de Mulheres, da qual seria eleita presidente em 1925.

A partir desse momento fortalece-se a rede de relações do movimento organizado brasileiro encabeçado por Bertha Lutz; que não se descuida, no entanto, dos contatos com pesquisadores de museus e naturalistas norte-americanos. Além de Baltimore, Bertha esteve em Nova York, Buffalo, Lincoln, Colorado/Arizona e Chicago, pelo menos. Finalizadas as tarefas, Bertha enviou ao Ministro da Agricultura, publicações relativas ao Ensino de Economia Doméstica nos EUA e a assuntos agrícolas. Além da Buffalo Society of Natural Sciences, para a qual foi eleita como correspondente, suas correspondências remetem especificamente à permuta ou doação de material científico, como boletins, catálogos e outras publicações<sup>7</sup>. Também se refere a essa viagem uma nota sobre os “Potomac Gardens”; uma permissão a Bertha Lutz, datada de 30 de maio, para coletar espécimes florais e outras no Parque Nacional do Grand Canyon, Arizona, a qual Bertha detalhará em seu relatório ao Museu Nacional relativo ao ano de 1925, (Museu Nacional. Relatório Anual. 09/01/1926) .Também em 1922, Bertha foi eleita Membro Correspondente do Museu Americano de História Natural de Nova York<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Na documentação encontram-se cartas de Margaret Ferde, do Departamento de Economia Doméstica da University of Nebraska, College of Agriculture, Lincoln; Barnard College, Columbia University, New York; Martha Van Rensselaer, do New York State College of Agriculture at Cornell University, Ithaca, New York, o “curador associado de pássaros”, do American Museum of Natural History, que se dispôs a enviar material a Bertha; e Clark Wissler, do Departamento de Antropologia do Museu Americano de História Natural; do curador do Departamento de Botânica do Field Museum of Natural History, Chicago, que lhe enviaria algumas sementes, quando estivessem maduras, etc.

<sup>8</sup> Cartão de Membro Correspondente do Museu Americano de História Natural. *The American Museum of Natural History*. Seventy-Seventh Street and Central Park West. New York, N.Y.). Admit Miss Bertha Lutz and friends to the Member’s Room and to All Member’s Lectures. Until December 31<sup>st</sup>, 1937. [e outro cartão idêntico válido até 31/dez./1938]. Presidente: F. Trubee Davison. (cartão a ser apresentado na entrada/porta). [VERSO: explicações para os membros do Museu]. *Arquivo Nacional. Fundo/coleção Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Cx. 11 – homenagens a Bertha Lutz*

De 1922 a 1937 - quando foi instalada a ditadura de Getúlio Vargas no Brasil -, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que seria dirigida por Bertha até 1972, viveu seus anos áureos. Com filiais em vários estados, a FBPF atuou, segundo seus estatutos, promovendo a educação e elevando o nível de instrução das mulheres; protegendo as mães e a infância; obtendo garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; auxiliando ‘as boas’ iniciativas da mulher e orientando-as na escolha de uma profissão; estimulando o espírito de sociabilidade e de compreensão entre as mulheres e interessando-as pelas questões sociais e de alcance público; assegurando os direitos políticos e preparando a mulher para o exercício inteligente desses direitos; estreitando os laços de amizade com os demais países americanos a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e Justiça no Hemisfério Ocidental<sup>9</sup>. Para alcançar tais objetivos, essas feministas lançavam mão de todas as estratégias legais possíveis, tentando estabelecer relações com a imprensa, juristas e políticos, buscando de diversas maneiras o apoio da opinião pública. Organizaram congressos, como os I e II Congresso Internacional Feminista (ou Feminino), a I Convenção Nacional Feminina, e o III Congresso Feminino, respectivamente em dezembro de 1922, junho de 1931, 1933 e 1936, dos quais participavam representantes de diversas organizações e nomes de destaque, inclusive internacionais.

As resoluções desse I Congresso Internacional Feminino, iniciado em 19 de dezembro de 1922, no Rio de Janeiro, dão uma idéia do universo de preocupações específicas das mulheres que lá estiveram reunidas. Entre as resoluções figuravam medidas de proteção ao trabalho da mulher e da criança, basicamente na indústria, tais como: interdição de menores de 18 anos em trabalhos que possam ser nocivos à saúde (como seleção e laminação de ‘mica’, empacotamento à mão de tintas tóxicas, catação de trapos, etc.); criação de um corpo de inspetoras para se fiscalizar rigorosamente a indústria domiciliar; instalação de refeitórios e bebedouros higiênicos em todos os estabelecimentos industriais; e instalação de creches e escolas para os filhos dos operários, “prevendo também o tempo necessário ao aleitamento”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Esses são os termos mencionados nos Estatutos da FBPF. *Arquivo Nacional. Fundo/coleção Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Cx. 11*

<sup>10</sup> As resoluções dos Congressos foram publicadas em uma obra de compilação da documentação da FBPF organizada por Bertha Lutz : COMISSÃO DE ESTATUTO DA MULHER. *O Trabalho Feminino. A mulher na ordem econômica e social*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

Esses temas permaneceriam presentes na atuação de Bertha, na Conferência Interamericana de Mulheres, de Washington, em 1925, onde a situação da mulher brasileira teria sido apresentada salientando-se o seu papel na questão do trabalho feminino, quer nas grandes indústrias, quer nas pequenas empresas, de caráter doméstico. Nessa viagem Bertha não descuidaria de reunir coleções botânicas para o Museu, estudar as técnicas de preparo e a organização de mostruários de Museus de História Natural, métodos de divulgação da História Natural, bem como a organização de Hortos Botânicos, além de visitar “com grande interesse” os museus para crianças em Brooklyn e Boston. Tendo permutado coleções com as seções de Botânica e Entomologia do Museu Nacional de Washington. De volta ao Museu no Rio de Janeiro, suas atividades rotineiras continuavam sendo a “organização de fichas para Seção de Botânica”, o “replantio para estudo de sementes de *Arachis nhambiquarae*”, a “determinação de 63 espécimens do Herbário do Museu, “excursões à Serra da Bocaina” (cujos resultados foram apresentados no Congresso Comemorativo do Bi-Centenário da American Philos. Soc., Philadelphia e publicados no artigo “The flora of the Serra da Bocaina”, *Proc. Amer. Phil. Soc.*, 1926) (“Relatório” relativo ao ano de 1925. MN. 09/01/1926). Daquela viagem também resultou seu “Relatório sobre O Ensino Doméstico nos Estados Unidos, de 1925, que completava outro sobre O Ensino Doméstico e Rural na Europa, de 1923, em decorrência também de uma viagem anterior igualmente a serviço do Museu e do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, quando participou do “Congresso de Roma” – o IX Congresso Internacional pelo Sufrágio Feminino, em maio de 1923.

Ainda em 1925, Bertha foi homenageada pelas “senhoras brasileiras”, por ter recebido o título de presidente da União Interamericana, na Conferência de Washington. O evento realizado no salão nobre do Club de Engenharia contou entre as ‘destacadas personalidades’ que prestigiaram a homenagem a Bertha com o Presidente e os engenheiros membros do Conselho Diretor do Club, a feminista histórica brasileira Julia Lopes de Almeida, o. Ministro do Peru, o Sr. Vice-Presidente da República, o Sr. Embaixador dos Estados Unidos da América do Norte, parlamentares, representantes graduados de todas as classes sociais”, e “elevadíssimo número de Senhoras da primeira classe da nossa sociedade (...) constituindo a mais seleta reunião e enchendo-se literalmente o vasto salão nobre”

segundo a notícia publicada na Revista do Instituto de Engenharia (sem autoria, op. cit. p.06).

O discurso erudito de Bertha destacava que naquela “época de modificações profundas, dois movimentos” mostravam-se como “decorrentes das tendências irresistíveis do progresso, que se cristalizavam lentamente em conquistas da civilização: o movimento feminino e o movimento de aproximação internacional” (p.07). Para Bertha “o progresso moderno fez ruir as barreiras a favor da aproximação continental, e trouxe também transformações na vida da mulher. O surto de progresso material teria sido o fator dessas transformações – as indústrias nascentes e a pressão econômica teriam removido a mulher do lar para um mundo mais amplo; ou ainda, transplantadas do Velho Mundo, estas teriam encontrado situações privilegiadas. Na história contada por Bertha o movimento feminista teria surgido nos Estados Unidos e na Nova Zelândia<sup>11</sup> e, mais tarde, na Europa: “à medida que os movimentos nacionais se organizavam, iam transpondo as fronteiras, formando-se pela solidariedade feminina, as associações internacionais” (p.09). E a América Latina, embora tarde, enfim chegava a tal civilizada interação, a exemplo da cordialidade entre brasileiras, argentinas e uruguaias. Justificando a importância da aproximação continental, consolidada em 1925 pela segunda conferência Pan-Americana de Mulheres, sediada em Washington, relembra que a União Pan-Americana – fora uma instituição “fundada há anos com o auxílio do milionário Carnegie, agora custeada e mantida conjuntamente pelos governos das repúblicas do Novo Mundo”. Nessa conferência, caracterizada por “uma liberalidade, tolerância e largueza de vistas”, aceitou-se “unânime e espontaneamente” a “doutrina de igualdade das nações autônomas, vitoriosamente defendida pelo Conselheiro Ruy Barbosa na 3ª Conferência Internacional de Haya” (p.12).

Em seu discurso, Bertha ainda informou sobre o plano de trabalho da União, até o próximo Congresso trienal, a ser realizado no Brasil em 1928. Este se limitava a dois pontos essenciais: o estudo e a abolição das discriminações legislativas contra a mulher e a aproximação continental. O Projeto de Lei sobre a nacionalidade da mulher casada apresentado ao Senado Federal, por Bertha, ainda em 1925 parece ser ter sido parte dos

---

<sup>11</sup> Talvez Bertha se referisse ao fato de que women were granted political rights in New Zealand in 1893, Finland in 1906 and Norway 1913.

encaminhamentos relacionados ao primeiro ponto do programa da União Interamericana<sup>12</sup>. O mesmo tema A Nacionalidade da Mulher Casada perante o Direito Internacional Privado, foi apresentado como tese por Bertha à Faculdade de Direito para concorrer à livre-docência de Direito Internacional Privado. De 1928 a 1933, Bertha havia cursado Direito na Universidade do Brasil.

E nesses anos, que foram também aqueles, nos quais se intensificaram as lutas pelo voto feminino, as atividades militantes, acadêmicas, sociais, de estudos de Bertha foram inúmeras, ao mesmo tempo em que servia em comissão como Assistente da Seção de Botânica do Jardim Botânico (de 01 de fevereiro de 1927 a 31 de outubro de 1930), e se empenhava em suas viagens ao exterior, que lhe conferiam prestígio nacional e reconhecimento internacional. Bertha e a FBPF, não perdiam e mesmo criavam oportunidades para divulgar suas reivindicações. Foi assim na homenagem em 24 de janeiro de 1926, no Teatro Cassino, no Rio, para Marie Curie – *a melhor a expressão da inteligência das mulheres* – como diziam os jornais da época - e portanto da justeza da luta pela igualdade de direitos. Assim também seria, na propaganda feminista por via aérea que a FBPF realizou no Rio de Janeiro, em perfeita sintonia com a ‘década dos reides’.

Modernas, bem relacionadas, Bertha e as amigas feministas Carmem Portinho, tesoureira da FBPF, e Maria Amália Faria, secretaria interina, voaram “a bordo de um aeroplano Junkers, do Condor Sindicato, graças aos bons ofícios do conde Pereira Carneiro, na sexta feira 11 de maio de 1928. A Comissão Executiva da FBPF levantou vôo às 9 horas e 10, no aparelho pilotado pelo Sr. Schuster, partindo da Ilha das Enxadas e passando sobre a cidade. Foram lançados folhetos e cartões de propaganda dos direitos eleitorais da mulher sobre a Câmara, o Senado, o palácio da presidência, as redações de jornais e as grandes artérias da capital”<sup>13</sup>. Entre o material de propaganda figuravam: um trecho de um discurso de Ruy Barbosa, em favor do voto feminino, uma lista dos 40 países onde as mulheres já votavam, um mapa da Europa, mostrando que só em Portugal, nos países balcânicos e Suíça não existia nenhuma forma de sufrágio feminino; uma

---

<sup>12</sup> A versão em inglês do projeto foi publicada no Boletim da União Pan-Americana (Washington, 1926, nº 2) :Nationality of Married Women in the American Republics e, em 1933 figura, vinculada à FBPF, a obra A Nacionalidade da Mulher Casada. Seção de estudos jurídicos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti).

<sup>13</sup> O Paiz. Rio de Janeiro, 14-15/maio/1928, coluna "Feminismo" assinada por Bertha Lutz e Ormind Bastos, consultora jurídica da FBPF

declaração dos direitos da mulher; trecho da mensagem do Presidente da República, favorável às reivindicações feministas, pela igualdade de todos os direitos sem distinção de sexo, de confissões religiosas, de dependências ou de analfabetismo.

Os vãos de Bertha foram absolutamente incorporados a sua atuação científica no Museu Nacional, como sobram exemplos nos Relatórios Anuais de prestação de contas de suas atividades, sempre destacadas como “assuntos relativos ao trabalho feminino e à legislação relativa à mulher”. Bióloga, não deixava de incorporar sua formação acadêmica mesmo em seus trabalhos de cunho jurídico. Metáforas naturalistas inundam seus textos, marcados evidentemente por sua prática feminista.

Em seus “13 Princípios Básicos. Sugestões ao ante-Projecto da Constituição”, de 1933, Bertha considera a situação da maternidade, infância, lar, mas também dos monumentos naturais, a proteção da natureza e a conservação da flora e fauna do país. Sua ‘justificação’ do III Princípio – Dignificação do Trabalho -, se centra na dupla jornada da mulher proletária e propõe a proteção da lei “sem distinção de sexo e nacionalidade” não deixa de se fundamentar de maneira quase determinista na lei da conservação, contrária “ao parasitismo quer biológico, social ou econômico, todos sinônimos de degeneração” (p.24). A Equiparação dos sexos – o VIII Princípio – é justificado pela diferença e não inferioridade da organização anatomo-fisiológica. “O cérebro da mulher não é inferior ao do homem. Os caracteres sexuais são secundários, derivados das funções reprodutivas” (p.38)

Na justificação do X Princípio – Proscrição da Violência – sua argumentação alude de maneira forte, à bestialidade do comportamento masculino violento, apelando para a Paleontologia: “se a força tivesse maior capacidade realizadora do que a inteligência, o mundo seria dominado, não pelo organismo inerte do homem, mas pela musculatura e presas possantes das grandes feras, hoje extintas, como o tigre com dentes de sabre e o urso das cavernas” (p.49). Seus argumentos contra a guerra e seus apelos para as mulheres “guardiãs da vida” que entram para a política, também questionam “para que servem as descobertas da ciência, o aperfeiçoamento da técnica, a inspiração da arte genial...os vinte séculos de cristianismo, se as civilizações masculinas ainda não encontraram outra solução para suas contendas...” (p.50)

Entrando ela própria para a política, Bertha, mesmo não alcançando o número de votos necessários, exerceria seu mandato enquanto suplente de deputado de julho de 1936 a novembro de 1937. Na tribuna, reivindicaria além dos direitos das mulheres, de sua profissionalização(Souza et alii, 2004) dos funcionários públicos, medidas em prol da profilaxia contra mosquitos associados à transmissão da lepra pelos trabalhos do pai<sup>14</sup>. Inquiriu sobre as medidas anticulicidianas tomadas nos leprosários e sobre o número, localização e condições dos leprosários e hospitais de isolamento, entre inúmeros outros temas.

A interação de suas atividades científico-militantes marca sua volumosa documentação. Cartas de Bertha a membros de comunidades científicas, foram escritas em papel timbrado da FBPF aludindo a temas científicos, feministas, museológicos. Em 1932, por exemplo, a secretária da Federação escreve a Miss. Jane White, curadora assistente de educação do Carnegie Museum em Pittsburgh, agradecendo em nome de Bertha Lutz pelo recebimento de um artigo sobre um Museu da Criança. Reúnem-se, no mesmo documento, diversos aspectos que se entrelaçavam na trajetória de Bertha: uma correspondência, a princípio de caráter científico, que remete às aspirações de Bertha na área da museologia, faz alusão às suas atuações políticas -informa que Bertha teria sido indicada pelo Presidente do Brasil para participar da Comissão de Ante-projeto da Constituição - em papel timbrado da FBPF. Indica também o caráter internacional das redes de relações tecidas por Bertha – principalmente nos EUA -, tanto no plano científico como feminista. Outras cartas como esta, são destinadas a outros pesquisadores dos Museus norte-americanos: Miss Mildred Porter (Children's Dept./ Peabody Museum of Natural History. New Haven, Conn.), Mr. Herbert J. Spinden (curador de Etnologia e Diretor de Educação do Brooklyn Museum. Brooklyn, N.Y.), Miss. Beatrice Winsler (diretora do Newark Museum. Newark, N.J.), Doris M. Cochran (Smithsonian Institution , EUA). Desde a década de 1920, Bertha intermediara toda uma correspondência entre seu pai Adolpho Lutz e sua amiga Doris Cochran, com quem manteria correspondência até os anos de 1960<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Adolpho Lutz empenhou todo o seu prestígio na defesa da teoria, contestada desde os anos de 1910, sobre a transmissão da lepra por algumas espécies de culicídeos. Lutz, A. "A transmissão da lepra pelos mosquitos e a sua profilaxia. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v.34, fasc.4, pp.475-93, 1939.

<sup>15</sup> Esta correspondência está sendo analisada por Jaime Benchimol no que se refere à Adolpho Lutz e por Magali Romero Sá e Maria Margaret Lopes no que se refere a Bertha Lutz.

Dessa documentação emerge mais um aspecto ainda pouco explorado da trajetória de Bertha Lutz que se refere às discussões em que se envolveram os cientistas brasileiros das décadas de 1920 e 1930, especialmente no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sobre o papel educativo dos museus. Em sua ficha funcional no Museu<sup>16</sup>, Bertha define suas habilitações profissionais em “Zoologia, Botânica, inclusive trabalhos de laboratório e de Campo, de Excursão; Organização de museus e suas atividades educacionais”. Bertha destacava, entre seus cursos de aperfeiçoamento concluídos e diplomas obtidos, além de seu título de Bacharel em Ciências Jurídicas, obtido em 15/03/1933 na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, seus "Estudos especiais sobre o papel educativo dos Museus Modernos, na América do Norte a convite da Association of American Museums", em 1932. Bertha teria sido nos anos de 1930, a única profissional especializada em museus no país.

Os rascunhos de um currículo seu, em meio aos documentos ainda em organização no Fundo Bertha Lutz do Museu Nacional, assinalam justamente a organização do Museu Zoológico do Instituto Oswaldo Cruz, ao lado de seu pai, como sua primeira atividade científica, uma vez que retornou ao país. Funcionária de um museu, trabalhando diretamente com a coleta, organização e classificação de coleções, em função de seus interesses disciplinares, Bertha Lutz permaneceria atenta às discussões teóricas com que a Museologia se defrontava. Nos anos de 1930 a articulação contraditória entre pesquisa científica e educação, que marcou o mundo dos museus de ciências desde o final do século XIX, acompanhando o boom da divulgação científica começou cada vez mais a conferir a educação / divulgação uma das principais funções dos museus e passou a ser cada vez amplamente utilizada para justificar sua manutenção. Nesses anos, em que o Museu Nacional do Rio de Janeiro já inovava também em termos de tais atividades, a contribuição de Bertha não foi pequena.

Como prêmio da Carnegie Corporation e Endowment for International Peace, por Intermédio da União Pan Americana e da Associação Americana de Museus, Bertha

---

<sup>16</sup> MN. Arquivo. Assunto: LUTZ, Bertha Maria Julia. Assentamentos Particulares. Classe 121. Fichas de “declaração de família dos funcionários do Museu Nacional”. B.Lutz, naturalista “L”. 1941. (em “cursos de aperfeiçoamento”: *Estudos especiais sobre o papel educativo dos Museus Modernos, na América do Norte a convite da Association of American Museums*. 1932. Em “Trabalhos Publicados/ Inéditos”: Relatório sobre *O Papel Educativo do Museu Moderno*). Maria Margaret Lopes agradece a Jaime Benchimol e Magali Romero Sá o primeiro acesso ao documento “Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Professor Dr. Roquette Pinto, M.D. Diretor do Museu Nacional, Sobre o papel educativo dos Museus Americanos”.

permaneceu nos EUA por dois meses e meio, visitando 58 museus em 20 cidades, a fim de estudar os departamentos e serviços educativos mantidos por essas instituições. Partiu de Nova York em direção a St. Louis e daí para Chicago, voltando gradualmente a Nova York. Participou da convenção anual da Association of American Museums realizada em Cambridge de 14 a 18 de maio, e foi oradora do banquete, ao lado do conhecido filósofo inglês Alfred Whitehead; do Presidente da Associação, Sr. Fiske Kimball, e do Reitor da Universidade de Harvard, o astrônomo Lowell. Teve oportunidade, como afirma, de ter travado relações com personalidades de maior influência “sobre a evolução recente dos museus, entrando em contato com as principais diretrizes dessa evolução”. Além disso, “colocou em relevo os serviços que o Museu Nacional vinha prestando à educação, ressaltando a importância da fundação de uma Associação Pan Americana de Museus, que permitisse o intercâmbio contínuo de métodos, resultados e informações” (p. 3).

Em seu relatório sobre O Papel Educativo dos Museus Americanos [ou do Museu Moderno], apresentado ao diretor do Museu Nacional, Roquette Pinto, em 1932, Bertha, sem desconhecer que o Deutsches Museum, de Munich, era considerado na época “o pioneiro e realizador máximo da teoria moderna do Museu”, conferia ainda atualidade à já não tão “nova teoria do Museu, sintetizada pela primeira vez pela expressão “the new museum idea”, por Sir William Flower em Essays on Museums - um texto extremamente influente desde sua divulgação no final do século XIX..Tais idéias sobre organização de coleções e funções para especialistas e público leigo nos museus, amplamente incorporadas pelos museus norte-americanos seriam também assimiladas no discurso de Bertha, marcado por metáforas da área disciplinar da Física: “um museu deve ser elástico, dinâmico mas, principalmente, manter-se acessível à maior parte da população, ampliando e disseminando a cultura no seio das nações”. (p.8).

Nesse relatório em que Bertha informa que examinou mais detalhadamente os museus especializados para fins educativos e os departamentos educativos daqueles em que preponderava a educação popular, e que “deu enfoque maior também aos museus científicos, vista a especialização às ciências naturais do Museu Nacional”, em que trabalhava, estão referenciados os trabalhos clássicos das mais influentes personalidades de Museus norte-americanos, os primeiros estudos de público da década de 1929, a importância da propaganda científica pelo rádio, cinema e pela imprensa e, como não

poderia faltar, suas observações – nesse caso, pouco contestadoras quanto aos diferentes lugares da mulher no Museu, pelo contrário, enaltecidas da importância da extensão para o espaço público do trabalho doméstico:

“Demorando-me certa tarde, além do horário de expediente, nos laboratórios de Herpetologia do Museu Nacional de Washington, com a dra. Doris Cochran, que atingiu o posto respeitável de assistente chefe da Secção, assistimos na saída uma verdadeira invasão do estabelecimento por um exército de mulheres de cor, humildes, vestidas de uniformes de serventes, empurrando batalhões de carrinhos de mão munidas de vassouras e enceradeiras automáticas, sugadoras de pó, etc. Era a mulher dentro do tradicional papel de arrumadeira – que antigamente exercia em casa – mas, que já desempenha nos escritórios e repartições públicas”. (p.14)

Bióloga, não deixava de incorporar sua formação acadêmica mesmo em seus trabalhos de cunho jurídico. Metáforas naturalistas inundam seus textos, marcados evidentemente por sua prática feminista.

Em seus “13 Princípios Básicos. Sugestões ao ante-Projecto da Constituição”, de 1933, Bertha considera a situação da maternidade, infância, lar, mas também dos monumentos naturais, a proteção da natureza e a conservação da flora e fauna do país. Sua ‘justificação’ do III Princípio – Dignificação do Trabalho -, se centra na dupla jornada da mulher proletária e propõe a proteção da lei “sem distinção de sexo e nacionalidade” não deixa de se fundamentar de maneira quase determinista na lei da conservação, contrária “ao parasitismo quer biológico, social ou econômico, todos sinônimos de degeneração” (p.24). A Equiparação dos sexos – o VIII Princípio – é justificado pela diferença e não inferioridade da organização anatomo-fisiológica. “O cérebro da mulher não é inferior ao do homem. Os caracteres sexuais são secundários, derivados das funções reprodutivas” (p.38)

Na justificação do X Princípio – Proscrição da Violência – sua argumentação alude de maneira forte, à bestialidade do comportamento masculino violento, apelando para a Paleontologia: “se a força tivesse maior capacidade realizadora do que a inteligência, o mundo seria dominado, não pelo organismo inerte do homem, mas pela musculatura e presas possantes das grandes feras, hoje extintas, como o tigre com dentes de sabre e o urso das cavernas” (p.49). Seus argumentos contra a guerra e seus apelos para as mulheres

“guardiãs da vida” que entram para a política, também questionam “para que servem as descobertas da ciência, o aperfeiçoamento da técnica, a inspiração da arte genial...os vinte séculos de cristianismo, se as civilizações masculinas ainda não encontraram outra solução para suas contendas...” (p.50)

### **Considerações finais**

A trajetória política de Bertha Lutz, sua militância feminista, sua luta pelos direitos de voto, educação, profissionalização das mulheres marcam a historiografia de gênero no Brasil, desde as primeiras teses feministas elaboradas nos anos de 1970 (Sohiet, 1974; Alves, 1977). Enaltecida, criticada, mas necessariamente citada, Bertha Lutz – sem ter o conjunto de sua vastíssima documentação pesquisada mais a fundo como vimos fazendo nessa pesquisa -, encarna o ‘mito e a realidade’ dos movimentos feministas e femininos, que impregnaram a cultura urbana das décadas de 1920 e 1930, no Rio de Janeiro. As construções dessas histórias, com suas prioridades políticas datadas, mantiveram completamente à parte as atividades científicas/museológicas de Bertha Lutz. Atividades que no entanto, lhe conferiram prestígio político, acesso a redes de sociabilidade internacionais, condições institucionais privilegiadas de exercício da militância.

Entre essas mulheres que consolidavam sua profissionalização e discutiam ‘sua questão’, estavam mulheres “extremamente instruídas”, “inteligentes”, “encantadoras”, “eloqüentes”, “extraordinariamente capazes”, “notáveis”, “cheias de energia” e “permanentemente otimistas”. Estas constituíam “a coluna avançada de mulheres” do país de “contrastes curiosos”, que era o Brasil no ano de 1922, quando a sufragista Norte-americana Carrie Chapman Catt, presidente em exercício da Associação Pan-americana pelo Progresso Feminino esteve aqui (Besse, op.cit.). Essas mulheres de ‘elite’ - como de forma elogiosa o ministro do Peru referiu-se à Bertha em sua homenagem em 1925 -, atuaram nos espaços públicos das ciências, da literatura, do jornalismo, da política, dos hospitais, da educação, da filantropia, da ‘alta sociedade’, das fábricas. Partilharam concepções conflitantes de feminismos, de conotações ideológicas e prioridades variadas, diferentes credos religiosos ou nenhum; diversas opções políticas, teóricas, regionais, partidárias. Repensaram as relações de gênero no país, inseridas em maior ou menor grau em um contexto internacional de movimentos feministas, sufragistas, modernistas, pacifistas, anarquistas, comunistas, de reivindicações e lutas por direitos das mulheres.

Inserida nesse cenário bastante distante da homogeneidade sugerida pelos títulos singularizados da “história do feminismo no Brasil”, Bertha Lutz nunca padeceu de qualquer tipo de invisibilidade política ainda comum a muitas dessas mulheres da sua geração. O que vimos argumentando também em outros lugares, é que a proeminência política e feminista que a historiografia lhe concedeu tornou invisíveis sua formação em Biologia, sua carreira profissional de naturalista e especialista em museus, enfim, sua cultura científica encarnada em seu feminismo.

### Referências Bibliográficas

- ALVES, B. M. *Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil – 1919/1932, fatos e ideologia*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1977.
- BESSE, S. K. (1996) *Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. Trad. Lólio L. de Oliveira. São Paulo. EDUSP.1999.
- CORRÊA, M. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2003.
- FERREIRA, L. O. “As Origens da Academia Brasileira de Ciências”. *Ciência Hoje*. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 16, n. 96, p. 32-36. 1993.
- LOPES, M. M. e MURRIELO, S. “Ciências e Educação em museus no final do século XIX. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*. V.12 (suplemento), p.13-30, 1995.
- LOPES, M. M. et alii. “A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). *Revista Gênero*, vol.5. 2004.
- LUSTOSA, Isabel “Esses bravos heróis dos ares”. *Nossa História*. Ano 1/no.2 p. 34-41. 2003.
- LUTZ, B. M. J. “Índice dos Archivos do Museu Nacional” *Archivos do Museu Nacional*. Vol. XXII, p.277-290.1919.
- LUTZ, B. M. J. Estudos sobre a Biologia floral da *Mangifera indica L.* *Archivos do Museu Nacional*, v. XXVI, p.125-158. 1926.
- MASSARANI, L. A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20. Mestrado em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, IBICT, Brasília. 1998
- MASSARANI, L. e MOREIRA, I. C. “A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20”. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*. v.7, n.3, p.627 - 651. 2001.
- MELO, H. P. de e CASEMIRO, M. C. P. “A ciência no feminino: uma análise da Academia Nacional de Medicina e da Academia brasileira de Ciência”. Ver, Rio de Janeiro, n.11, set-dez.2003, p.117-133.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Petrópolis. Vozes. 1969.
- SEM AUTORIA. D. *Bertha Lutz. Homenagem das Senhoras Brasileiras à Illustre Presidente da União Interamericana de Mulheres*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio. 1925.
- SOHIET, R. Bertha Lutz e a ascensão social da mulher, 1919-1937. Dissertação de Mestrado. Niterói: ICHF- Universidade Federal Fluminense, 1974.